

Os EUA querem o republicano de novo, sem ressalvas

Os Estados Unidos querem Trump, sem qualquer hesitação

Análise

Edward Luce
Financial Times

Adeus ao carisma, à alegria, ao otimismo e ao sorriso hollywoodiano de Kamala Harris. Os EUA rejeitaram essa proposta. Quatro anos atrás, um vitorioso Joe Biden descreveu Donald Trump como um "momento aberrante". Como Trump tem uma boa chance de vencer no voto popular, além de no colégio eleitoral, a história agora provavelmente concederá essa designação a Biden. Afinal, Trump é um dos candidatos mais conhecidos e investigados da história dos EUA. Elegê-lo uma vez pode ter sido um acidente, mas fazer isso duas vezes foi com plena consciência. Trump é, legitimamente, o próximo presidente dos EUA.

A questão é: por que? Grande parte da história é que um número suficiente de americanos quer o

que Trump está vendendo: deportação em massa de imigrantes ilegais, um fim na globalização e um dedo do meio para a abordagem da elite liberal à identidade, frequentemente sabotadora, mais conhecida como "wokeness". Tudo isso superelevar quaisquer dúvidas sobre o caráter de Trump. O fato de os EUA elegerem um criminoso condenado, que também foi indiciado por tentar anular a última eleição e admira autoritários, pode ser interpretado de duas maneiras. Ou os eleitores não levam a sério o risco que Trump representa, ou sabem exatamente no que estão deixando o país se meter, mas ainda assim preferem isso a continuar com as coisas como sempre.

De qualquer forma, a eleição de Trump é um desastre existencial para os democratas. É também uma virada de jogo histórica para os aliados dos EUA. As recriminações aos democratas viram em massa rapidamente. Qualquer autóp-

sia certamente destacará o fato de que um Biden visivelmente doente esperou demais para abrir mão da candidatura por seu partido. Se Biden tivesse desistido seis meses antes, os democratas teriam tido tempo para encontrar um candidato melhor do que Kamala Harris. Talvez uma disputa primária real não tivesse feito diferença.

Sendo justo com Kamala, ela fez uma campanha bem organizada, venceu Trump no único debate entre os dois e uniu os democratas em torno dela. Mas, no melhor dos casos, era medíocre sempre que a conversa se desviava para a economia — um tema que ela fez o possível para evitar. A falta de uma narrativa econômica convincente seria uma grande falha em qualquer eleição americana. Primárias competitivas teriam percebido isso.

Tendo herdado a candidatura tão fácil, Kamala teve pouco tempo e incentivo para corrigir suas deficiências. Ainda assim, poderia ter

criado um "momento Sister Souljah" para provar que não era nenhuma radical de Berkeley. A crítica de Bill Clinton à ativista negra homônima em 1992 demonstrou que ele não era um liberal antiquado, o que ajudou a torná-lo elegível. Kamala foi cuidadosa ao evitar associações com causas progressistas mais extravagantes durante sua breve campanha de 16 semanas. Mas ela não repudiou de forma convincente seu apoio anterior às fronteiras abertas e ao corte de verbas para a polícia, por exemplo.

Biden pode ser culpado por interpretar exageradamente sua vitória em 2020. Ela foi resultado da má gestão da pandemia de covid-19 por Trump, e não por preocupações com a economia. Biden venceu prometendo acabar com a pandemia e restabelecer a normalidade na política americana. No entanto, em algum momento antes de sua posse, Biden começou a acreditar que tinha uma licença

para mudanças radicais. Seu estímulo excessivo de US\$ 1,9 trilhão jogou lenha na fogueira da inflação, que já estava aumentando devido a interrupções nas cadeias de abastecimento. Trump representou grande ameaça à ordem constitucional dos EUA — como representaria agora, turbinado. No entanto, em Merrick Garland, Biden escolheu um procurador-geral que não teve pressa em responsabilizar Trump. Os historiadores ficarão intrigados com isso.

Assim como na derrota de Hillary Clinton em 2016, há muitas impressões digitais na derrota de Kamala. No entanto, desta vez será muito mais difícil culpar agentes externos. O presidente russo Vladimir Putin sem dúvida verá grandes vantagens na vitória de Trump, especialmente na Ucrânia. No entanto, foram os americanos que colocaram Trump de volta no cargo, sem a ajuda óbvia de forças externas. Seja como for, o jogo de culpas

dos democratas será secundário diante da necessidade de entender o que virá a seguir. Trump promete vingança e está falando sério.

É perfeitamente possível que os republicanos conquistem uma trifecta: o Senado, que agora é uma certeza, e a Câmara dos Deputados, que ainda está em jogo. Se eles assumirem o controle total do Congresso, haverá poucos freios sobre a autoridade executiva de Trump. A Suprema Corte já concedeu a Trump um cheque em branco quando decidiu em julho que ele tinha ampla imunidade para suas ações como presidente.

Os EUA viraram uma esquina decisiva. Seria imprudente supor que Trump não quis dizer o que disse quando prometeu perseguir seus inimigos. Trump tem um mandato para reformular os EUA de uma maneira inimaginavelmente disruptiva. Não haverá retorno do resultado histórico da eleição de 2024 nos EUA.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Internacional **Caderno:** A **Página:** 16